

PENSAR

O INTELLECTUAL INCONFORMADO

[ENSAIO

A PESQUISADORA ELEONORA ZILLER ELABORA UMA BEM-SUCEDIDA SÍNTESE DA TRAJETÓRIA ENGAJADA DE FERREIRA GULLAR NO LIVRO *POESIA E POLÍTICA*

ALEXANDRE PILATI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Ferreira Gullar construiu sua obra poética no fio da navalha da participação ou do engajamento. Para a maioria dos poetas ou críticos, essas duas palavras soam abomináveis, mas Gullar, com perfeita consciência da sua posição no modo de produção literário de seu tempo, jamais furtou-se a correr riscos e testar os limites da poética de cunho político. Intelectual ativo, crítico de arte refinado, embora não acadêmico, poeta da melhor linhagem de nossa literatura, o maranhense acaba estigmatizado pelo conteúdo evidentemente participante de sua obra, sendo presa fácil dos irritadiços advogados da poesia etérea. Compreender o alcance e a potência poética e política de sua obra necessariamente passa por conhecer bem a sua trajetória de artista, homem público e crítico.

Essa oportunidade nos proporciona a pesquisadora Eleonora Ziller em *Poesia e política: a trajetória de Ferreira Gullar*. O livro apresenta o percurso da obra de Gullar relacionando-a com os fatos mais importantes da história recente do Brasil. Fruto de rigorosa pesquisa para tese de doutoramento, a obra da professora de literatura comparada da UFRJ Eleonora Ziller Camenietzki é uma importante contribuição para os estudos sobre o poeta.

Eleonora enfoca a obra de Gullar valendo-se de um discurso crítico pendular, que vai da análise literária de poemas ao levantamento rigoroso de fatos históricos, para evidenciar a condição política de um poeta que teve o conjunto de sua poesia marcado por dois vetores fundamentais: a busca de repostas para os impasses do fazer lírico e a necessidade de ser a expressão de um determinado grupo. Essa dicotomia condensa-se muito bem no conhecido poema "Traduzir-se": "uma parte de mim/ é todo mundo/ outra parte é ninguém/ fundo sem fundo."

Dessa forma, a autora expõe os dilemas da participação do poeta Gullar tanto no movimento concretista, com quem rompe por intermédio do neoconcretismo, quanto do poeta "de feira" que foi o Gullar dos "romances de cordel" da época do CPC. Ziller recupera e analisa também boa parte da obra crítica de Gullar, como os seus artigos publicados no suplemento dominical do *Jornal do Brasil* na década de 50 e na *Revista Civilização Brasileira* na década seguinte.

Ao leitor que, em princípio, poderia ressentir-se de uma análise mais miúda da poética de Gullar, a autora reserva, no terceiro capítulo do livro, uma detida leitura do impressionante "Poema sujo", que está, certamente, entre os mais importantes textos de nossa poesia. Segundo Eleonora, dado o momento histórico dilacerado da nação, o "Poema sujo" apresenta uma lírica dolorosa, na qual "a palavra e a memória se tornam o último recurso diante da derrota política e ao instante de perigo, em que se presente a morte". Assim, segundo ela, o "centro nervoso do poema" é a sua sujeira, ou seja, a vida que urge e pulsa, contaminando com o real a linguagem.

O momento alto do livro de Eleonora, ele mesmo de grande força política, encontra-se na conclusão. A partir da análise da atitude do poeta Ferreira Gullar hoje em dia, Ziller faz um painel crítico da nossa literatura e da atuação dos intelectuais contemporâneos. Com vigor, a autora critica a mercantilização da universidade, processo segundo o qual é preciso produzir, embora o leitor seja cada vez mais escasso, e o "dar de ombros" dos intelectuais que desdenham os acontecimentos da nossa história. Desse modo, pelo exemplo de Gullar, *Poesia e política* contribui para manter aberta a trilha aos que conseguem perceber a dimensão inteira do problema da arte em um país periférico. Nas palavras de Eleonora, é preciso: "manter o inconformismo e o desassossegado, duvidar sempre."

3

PERGUNTAS
PARA
ELEONORA
ZILLER
CAMENIETZKI

O que garante unidade à longa trajetória poética de Gullar?

De um modo geral, a crítica vê a obra de Gullar a partir de três questões fundamentais: memória, tempo, linguagem. Há na poesia de Gullar uma constelação de temas recorrentes, imagens, palavras que formam um universo particular que de fato gira em torno desses aspectos fundamentais. Como atitude, penso que o exercício de levar a poesia ao limite de suas possibilidades seja uma marca permanente de sua produção, mesmo quando aparentemente ela passe por várias rupturas.

A leitura do poeta Gullar parece estigmatizada pela sua participação em movimentos de esquerda na década de 60. Às vezes sua poesia é considerada limitada por isso. A militância política lhe trouxe conquistas poéticas ou diminuiu-lhe o alcance do verbo?

A militância política é sempre um problema para a poesia, e o compromisso programático mais ainda. Na obra de Gullar, ela funciona também como experimentação dos limites da poesia, e é claro que nem sempre a investigação é produtiva em termos de sofisticação da linguagem poética. Mas é uma experiência muito importante para refletirmos sobre o limite e os impasses da literatura na sociedade contemporânea.

Qual é a dimensão da importância de Gullar na poesia brasileira do século 20, tendo em vista aquilo que você chama de "compromisso entre a poesia e a vida política nacional"?

O Gullar foi, entre os poetas de maior repercussão, aquele que levou mais longe o comprometimento de sua poesia com a militância política. Isso comprometeu também a visão que a crítica teve de sua poesia durante certo tempo, que o leu numa chave partidária muito restrita. O balanço final poderia ser, parodiando um poema que ele próprio escreveu para o PCB, o de que ninguém poderá falar da poesia brasileira sem considerar sua contribuição, ou então estará mentindo.

entrevista // RÉGIS BONVICINO

PENSAR

UM LIVRO ESSENCIAL

JOSÉ CARLOS VIEIRA

DA EQUIPE DO CORREIO

Palavras cruas no ritmo frenético de um poeta maduro, completo. É assim o recém-lançado livro de Régis Bonvicino: *Página Órfã* (editora Martins Fontes). Cinquenta e dois anos e 52 poemas, harmonia e unidade. Bonvicino passa por cima de todos os "pós-alguma-coisa" e traça uma linha poética única nas 109 páginas nas quais azulou seu trabalho de três anos (2004-2006) com a maestria de um artesão futurista.

Paulistano-universal, trabalhou como articulista na Folha de S. Paulo e de outras publicações. Entre 1975 e 1983, dirigiu as revistas de poesia *Qorpo Extranho* e *Poesia em Greve e Muda*.



Editora Martins/Divulgação

Em 2001, dirigiu, ao lado de Charles Bernstein e Alcir Pécora, a prestigiosa revista *Sibila*. Formado em direito, pais de três filhos e casado com a psicanalista Darly Menconi (homenageada com o primeiro poema do livro), Bonvicino é um advogado respeitado em São Paulo e poeta valorizado em vários países.

"Caminho de hamster", o décimo poema do livro, é de uma plasticidade e uma solitude cinematográficas, como os replicantes de Ridley Scott: "Fedendo a cigarro e a mim mesmo/ cruza uma avenida/ ao anoitecer/sirenes, carros/ vozes abafadas/ avenida larga e áspera/ numa rua transversal/ o cadáver de um cachorro"... É assim o mundo de Bonvicino, definido pelo amigo João Adolfo Hansen como um trabalhador do "espaço-lixo que as metástases dos processos industriais e financeiros da assim chamada civilização norte-americana espalham mundialmente como um todo sem todo".

PÁGINA ÓRFÃ

De Régis Bonvicino
Martins Editora
136 páginas
Preço: R\$ 29

Numa rápida entrevista ao Pensar, Bonvicino fala um pouco do novo livro e de seu processo criativo:

Por que o título *Página Órfã*?

A expressão "página órfã" vem da comunicação eletrônica; uma "página órfã" é aquela que não oferece saída para nenhuma outra página na internet. Como título do livro, quer dizer, claro, outras coisas também. Um título deve falar por si mesmo e prefiro não explicá-lo.

Qual sua ligação com Leminski e por que você e ele ainda são esquecidos pela academia?

Fui muito amigo de Leminski sobretudo de 1975 até meados dos anos 1980; talvez eu tenha sido o único poeta a estar no velório de seu filho Miguel, em Curitiba. Mas sempre tivemos diferenças acentuadas, do ponto de vista estético e pessoal — eu sempre fui mais "careta" do que ele. Ele era dez anos mais velho e seu trabalho já estava, naquela época, mais encorpado do que o meu, ainda incipiente — meu trabalho, para mim, começa, para valer, com *Más companhias*, de 1987. Já no começo dos anos 1980, eu não suportava mais ouvir MPB, Caetano e Gil e ele, ao contrário, queria escrever letras e músicas para esse pessoal. Hoje quase não consigo ler sua poesia: acho-a feita de "sacadas", curtas e leves; o "Catatau" parece-me uma ótima variação, mas, variação, de época, do impacto de Joyce na prosa brasileira, que pegou de Rosa (um maneirista em muitos livros, exceto em *Primeiras histórias*) a um Haroldo de Campos, de *Galáxias*, igualmente um tanto maneirista. Quanto à Academia: Vade retro, Academia! — uma instituição mais voltada para a política, para o poder, para o "prestígio", para o "provincial", do que de criação poética e/ou literária. Sir Ney é um acadêmico! Paulo Hiena é um acadêmico! O único "acadêmico" que perdoo é João Cabral — o maior poeta brasileiro de todos os tempos, ao lado de Murilo Mendes e de Drummond.

Uma rápida entrevista ao Pensar, Bonvicino fala um pouco do novo livro e de seu processo criativo:

Marginal ou maldito?

Nenhum dos dois. Apenas um poeta independente.

LETRA

*Nine out of ten computers are infected
Leminski morreu
do uso contínuo
de um coquetel*

*de álcool, cigarro e drogas
às vezes
de álcool puro e Pervitin
pupilas dilatadas para encarar o nada*

*às vésperas da morte
fétido
camiseta cavada e chinelos
trapos a pele*

*verde como vômito
arranhando o violão e traduzindo Beckett
getting a tan without the sun
que o futuro o disseque*

*(... numa outra década.
guerrilha nas favelas,
Keatán morreu de uma overdose
de dólares
êxtase de cheques,
abanando o leque
um séquito de adeptos)
nine out of ten computers... are infected*

Vinho ou LSD?

As drogas organizam a corrupção e o crime no Brasil e no mundo. Quem usa drogas está estimulando a corrupção, a impunidade, a barbárie. É um irresponsável pessoal e social. O LSD fez parte de uma atitude dos anos 1960, que possuía conteúdo, conteúdo de luta contra Nixon e a guerra do Vietnã, de luta contra o desemprego nos EUA e Europa etc.; uma coisa é Jimi Hendrix nos 1960 ter tomado o ácido e produzido coisas como *Axis: bold as love*, outra é quem usa hoje — quem usa hoje é um menino de recados da corrupção, do tráfico, dos sanguessugas, dos mensaleiros, dos "putiniks", dos bushianos etc. Então, vinho e chileno: Don Melchor, da Casa Concha y Toro, ok?

Você carrega poesia no bolso pelas ruas

paulistanas ou a deixa no computador?

Ando com pequenos cadernos pelas ruas e, depois, passo as anotações para um outro caderno maior e, só depois, digito no computador o que escrevi e, aí, o material pode se transformar num poema ou não.

Há uma "batida" em seus poemas que sugerem rock and roll...

Se ouviu uma "batida" rock and roll, deve estar certo... Por que não estaria? Gosto até hoje do Cazusa, aliás, o melhor de todos no Brasil, para mim. O livro é visceral mas não há, hoje, qualquer visceralidade no rock and roll, concorda? Só há uns chatos por aí, repetindo infinitamente o que se fez nos anos 1960, com algumas exceções como Sex Pistols, Nirvana etc. Mas, ouço muito Jimi Hendrix, ouço muito os Rolling Stones dos anos 1960 e 1970. Admiro Mick Jagger até hoje. Disse para o Alcir Pécora que sentia *Página órfã* como o meu *Exile on main street*. Mas ouço idem música erudita, jazz, muitíssimo.